

1

— Tens a certeza de que ela não sabe?

— A Antonia? Sobre nós? Absoluta.

A Georgie ficou calada uns instantes, depois disse:

— Ainda bem.

Aquele «ainda bem», seco, era característico dela, típico de uma dureza que tinha, no meu entender, mais a ver com honestidade do que com impiedade. Gostava do modo directo como ela aceitava a nossa relação. Só com uma pessoa assim tão sensata é que eu poderia ter enganado a minha mulher.

Estávamos deitados, num semiabraço, frente à lareira a gás da Georgie. Encostava-se ao meu ombro, enquanto eu lhe inspeccionava uma trança do cabelo negro, mais uma vez espantado por aí achar tantos fios de um puro vermelho dourado. Tinha o cabelo muito liso, como a cauda de um cavalo, quase tão crespo e muito comprido. O quarto da Georgie achava-se agora na penumbra, à excepção da luz da lareira e de um trio de velas vermelhas a arderem na prateleira sobre a lareira. Essas velas, juntamente com alguns ramos raquíticos de azevinho espalhados pelo quarto eram o mais que ela, cujos «efeitos» eram sempre um pouco desmazelados, podia fazer pelas decorações natalícias, mas de qualquer forma o quarto tinha um certo brilho, como o de uma caverna do tesouro apenas entrevista. À frente das velas, como num altar, estava um dos presentes que eu lhe dera, um par de castiçais de incenso chineses, com a forma de pequenos guerreiros de bronze, que empunhavam como lanças os paus incandescentes. Os seus fumos cinzentos pairavam numa névoa para trás e para a frente, até que o calor das chamas das velas os enviava subitamente, contorcendo-se num círculo ascensional à laia de um dervixe, para as trevas do alto. Um odor sufocante a papoilas de Caxemira e a sândalo inun-

dava o quarto. Havia por todo o lado papeis de embrulho lustrosos da nossa troca de presentes, e arredada para um canto estava uma mesa que ainda exhibia os restos da nossa refeição e a garrafa vazia de Château Sancy de Parabère, 1955. Desde o almoço que estava com a Georgie. Do lado de fora da janela, tapada por cortinas, morria a fria e crua tarde de névoa em Londres, transformando-se agora num anoitecer que mantinha ainda, numa espécie de débil gaze luminosa, os restos daquilo que nunca, nem sequer ao meio-dia, se apresentara realmente como a luz do dia.

Ela suspirou e rebolou com a cabeça no meu colo. Estava agora vestida, à excepção dos sapatos e dos collants.

— Quando é que tens de ir?

— Por volta das cinco.

— Eu que não te apanhe a ser forreta com o tempo.

Este tipo de comentários era o mais que eu chegava a sentir do gume afiado do seu amor. Seria impossível eu ter encomendado uma amante com mais tacto.

— A sessão da Antonia acaba às cinco — disse eu. — Tenho de voltar a Hereford Square pouco depois. Ela gosta sempre de conversar sobre isso. E temos uma combinação para jantar.

Soergui-lhe levemente a cabeça e puxei-lhe os cabelos para a frente, espalhando-os sobre os seus seios. Rodin havia de gostar.

— Como está a correr a psicanálise da Antonia?

— Esfusiante. Ela gosta desavergonhadamente daquilo. Claro que é tudo por graça. Desenvolveu uma transferência tremenda.

— Com o Palmer Anderson — disse a Georgie, referindo-se ao psicanalista de Antonia, que era também nosso amigo íntimo, meu e da minha mulher. — Sim, consigo imaginar que uma pessoa se vicie nele. Tem um rosto inteligente. Imagino que seja bom no seu *métier*.

— Não faço ideia — respondi. — Não gosto daquilo a que chamas o seu *métier*. Mas sem dúvida que é bom nalguma coisa. Se calhar é simplesmente bom. Não é só por ser meigo e delicado e gentil como só os americanos conseguem ser meigos e delicados e gentis, apesar de ele *ser* assim. Tem realmente um poder imenso.

— Tu próprio pareces bastante fascinado por ele! — comentou a Georgie. Ajeitou-se numa posição mais confortável, com a cabeça na dobra do meu joelho.

— E se calhar estou — admiti. — Tê-lo conhecido fez uma grande diferença para mim.

— Em que sentido?

— Não consigo precisar exactamente. Se calhar fez com que eu me preocupasse menos com as regras!

— As regras! — a Georgie riu-se. — Ó querido, certamente que há muito que te tornaste indiferente às regras.

— Santo Deus, não! — protestei. — Nem agora lhes sou indiferente. Não sou nenhum Filho da Natureza, como tu. Não, não é exactamente isso. Mas o Palmer é bom a libertar as pessoas.

— Se tu achas que eu não me preocupo... ora, deixa lá. Quanto a libertar as pessoas, eu cá não confio nesses libertadores profissionais. Quem quer que seja bom a libertar as pessoas também será bom a escravizá-las, pelo menos a crer em Platão. O teu problema, Martin, é que estás sempre à procura de um mestre.

Ri-me.

— Agora que tenho uma meretriz, não quero um mestre para nada! Mas como é que tu te cruzaste com o Palmer? Ah, claro, através da irmã.

— A irmã — confirmou Georgie. — Sim, a singular Honor Klein. Vi-o numa festa que ela uma vez deu para os alunos. Mas ela não o apresentou.

— *Ela* presta para alguma coisa?

— A Honor? Queres dizer, como antropóloga? Têm-na em muito boa conta em Cambridge. É claro que ela a mim nunca me ensinou oficialmente. De qualquer forma, estava normalmente fora, a visitar uma das suas tribos selvagens. A sua suposta função era organizar-me o trabalho e ajudar-me com os meus problemas morais. Meu Deus!

— Ela é meia-irmã do Palmer, não é? E como é que isso é? Parece-me que estão separados por várias nacionalidades.

— Acho que é assim — explicou ela —, têm uma mãe escocesa em comum, que se casou primeiro com um Anderson e depois com um Klein quando o Anderson morreu.

— Desse Anderson eu sei. Era um americano dinamarquês. Arquitecto ou assim. Mas e então o outro pai?

— Emmanuel Klein. Tu devias conhecê-lo. Era um especialista de Clássicas, nada mau. Um judeu alemão, claro está.

— Eu sabia que ele era um erudito qualquer — disse eu. — O Palmer falou-me dele uma ou duas vezes. Interessante. Disse-me que ainda tinha pesadelos com o padrasto. Acho que também deve ter algum medo da irmã, embora nunca o admita.

— Ela é capaz de assustar — disse a Georgie. — Tem qualquer coisa de primitivo. Se calhar é daquelas tribos todas. Mas tu já a conhecestes, não?

— Conheci-a de raspão — disse eu — mas não me consigo lembrar muito bem dela. Simplesmente, pareceu-me a Fêmea Universitária em pessoa. Porque é que essas mulheres hão-de todas ter o mesmo ar?

— Essas mulheres! — a Georgie riu. — Eu agora sou uma delas, meu querido! E seja como for, a verdade é que *ela* tem um poder imenso.

— *Tu* tens poder sem teres de te parecer com um fardo de palha.

— Eu? — perguntou ela. — Eu não estou nesse campeonato. Não tenho metade dos cartuchos.

— Disseste que eu estava fascinado pelo irmão. Mas tu pareces fascinada pela irmã.

— Oh, eu não *gosto* dela — disse a Georgie. — É outra coisa.

Sentou-se de repente, recuperou o cabelo e começou a entrançá-lo rapidamente. Atirou a pesada trança por sobre o ombro. Depois levantou a saia e algumas camadas de combinação e começou a puxar por um par de collants azuis de pavão que eu lhe tinha oferecido. Adorava oferecer-lhe coisas escandalosas, peças de roupa absurdas e bugigangas que nunca na vida podia dar à Antonia, colares bárbaros e calças de veludo e roupa interior roxa e meias pretas de renda que me punham doido. Levantei-me então e pus-me a passear pela sala, observando-a possessivamente, enquanto, com uma consciência tensa e reservada do meu olhar, ela ajeitava as meias medonhas.

O quarto da Georgie, um estúdio grande e desarrumado que dava para aquilo que na prática era uma viela na vizinhança do Convent Garden, estava cheio de coisas que eu lhe oferecera. Há muito tempo que eu, sem sucesso, travava uma batalha contra a impenitente falta de gosto da Georgie. As várias gravuras italianas, os pisa-papéis franceses, as peças de Derby, Worcester, Coleport, Spode, Copeland, e bricabraque avulso (porque eu quase nunca chegava sem lhe trazer qualquer coisa) estavam por ali a monte, apesar de todos os meus esforços, numa balbúrdia que mais parecia uma loja de entulho do que um quarto civilizado. De alguma forma, a Georgie não fora concebida pela natureza para possuir coisas. Ao passo que sempre que a Antonia ou eu comprávamos qualquer coisa, como fazíamos constantemente, esta achava logo o seu lugar no mosaico rico e harmoniosamente integrado da nossa habitação, parecia que a Georgie não tinha a mesma carapaça. Não tinha um único bem que não pudesse, ao mínimo pretexto, dispensar sem lhe sentir a falta; e entretanto as suas coisas espalhavam-se por ali numa espécie de barafunda instável, sobre a qual as minhas escolhas

e arrumações perpetuamente renovadas não pareciam surtir qualquer efeito. Esta característica da minha amada irritava-me, mas visto que afinal também fazia parte do notável desprendimento da Georgie e da sua falta de pretensões mundanas, acabava por admirá-la e amá-la igualmente. Era, além disso, conforme por vezes me acudia ao espírito, a imagem e o símbolo fiéis da minha relação com ela, da minha forma de possuí-la, ou, mais precisamente, da forma como, bem vistas as coisas, eu não conseguia possuí-la. Eu possuía a Antonia de uma forma que não era assim tão diferente de como possuía o magnífico conjunto de gravuras originais de Audubon que decoravam a escadaria da nossa casa. Eu não possuía a Georgie. Ela limitava-se a estar ali.

Quando acabou de vestir os collants, reclinou-se na poltrona e olhou para mim. Tinha, para o seu cabelo negro e farto, uns olhos bastante claros, de um azul acinzentado. O rosto era largo, mais para o forte do que para o delicado, mas a tez incrivelmente pálida exibia um acabamento de marfim. O nariz largo e um pouco arrebitado, para seu desespero e minha alegria, que ela se demorava a afagar e contrair numa tentativa frustrada de o tornar aquilino, agora esquecido em repouso, conferia-lhe à expressão uma certa qualidade atenta de animal, suavizando-lhe a aguda inteligência. Agora, à meia-luz repleta de incenso, o seu rosto apresentava-se cheio de curvas e sombras. Por algum tempo, fixámo-nos os olhares mutuamente. Esta maneira de nos olharmos silenciosamente, que alimentava o coração, era algo que eu nunca experimentara com nenhuma outra mulher. Eu e a Antonia nunca nos olhávamos assim. A Antonia não conseguiria manter um olhar tão fixo durante tanto tempo: quente, possessiva e coquete, seria incapaz de se expor daquela maneira.

— Deusa do rio — disse eu, por fim.

— Príncipe mercador.

— Amas-me?

— Sim, perdidamente. Tu amas-me?

— Sim, infinitamente.

— Infinitamente não — corrigiu ela. — Sejamos precisos. O teu amor é uma quantidade enorme mas finita.

Ambos sabíamos a que se referia, mas havia certos assuntos que era inútil discutirmos, o que também sabíamos. Não se punha a hipótese de eu deixar a minha mulher.

— Queres que eu ponha a mão no fogo? — perguntei.

Ela continuava a fixar-me. Nessas alturas, a sua inteligência e a sua lucidez emprestavam-lhe à beleza o som de uma moeda de prata. De-